

O QUE É O PATRIARCADO E QUEM É AFETADO POR ELE? – Miki Kashtan
por Angelica Rente

Miki Kashtan é co-fundadora do Bay Area Nonviolent Communication e do Center for Efficient Colaboration. Ela é autora de vários livros, incluindo Reweaving Our Human Fabric: Working Together to Create a Nonviolent Future e Convergent Facilitation, sobre o processo de tomada de decisões grupais quando há questões polarizadas, desenvolvido por ela. Neste artigo, escrito em resposta ao ensaio de Julie Matthaei Feminism and Revolution: looking back, looking ahead (disponível em inglês em <https://greattransition.org/publication/feminism-and-revolution>). ela aponta a necessidade da desconstrução do patriarcado para que tanto os seres humanos quanto o planeta possam sobreviver, prosperar e florescer plenamente.

Original em inglês disponível em <https://www.greattransition.org/roundtable/feminism-revolution-miki-kashtan>

Quando o debate sobre o patriarcado chega às questões sobre a igualdade entre mulheres e homens, costumo ouvir duas afirmações que me preocupam:

1. Que o objetivo é levar as mulheres ao mesmo nível dos homens e, uma vez atingidos esses pontos de acesso individuais compreendidos como “direitos”, o problema do patriarcado estará resolvido
2. Que é *mesmo* possível criar uma igualdade plena entre mulheres e homens sem mudar as estruturas fundamentais de nosso mundo.

Ambas as afirmativas estão, para mim, firmemente enraizadas em um quadro de referência individualista que é, por si mesmo, produto do patriarcado e de sua principal criação, o capitalismo.

Da mesma forma, compreender o patriarcado como “a regra dos homens” tende a gerar defensividade. Eu, ao contrário, vejo o patriarcado como o princípio da separatividade, da escassez e do controle, baseado na negação da continuidade, do fluxo e da vida. Eu o compreendo como sendo a regra do *princípio paterno*, muito mais do que do *princípio masculino*. Ao passo em que sempre sabemos quem é a mãe, é apenas através do controle das mulheres que podemos saber com certeza quem é o pai. Tenho um senso profundamente intuitivo de que o patriarcado é um evento, não um destino - uma resposta dos seres humanos a condições específicas causadas por um severo trauma coletivo que nos levou a reverter a fases evolutivas mais primitivas de dominação e submissão, anteriores à emergência *biológica* daquilo que Humberto Maturana e Gerda Verden-Zoller chamam de “biologia do amor”.

Eu vejo a noção de gênero, as normas de gênero e mesmo as relações entre homens, mulheres e crianças como resultados da re-imposição de princípios de dominação e submissão, ainda *geneticamente* possíveis, sobre as

sociedades humanas, como uma resposta coletiva de luta-fuga--paralisação a condições climáticas severas e disruptivas ou, mais tarde, a invasões de grupos que já haviam feito a transição patriarcal. Estes padrões de trauma coletivos podem, então, ser reproduzidos através da acumulação e da transmissão de riqueza que se tornaram possíveis através da revolução agrícola (ainda que não tenham sido causados por ela).

O patriarcado formata, inicial e principalmente, as estruturas da sociedade e as estruturas internalizadas nos indivíduos que emergem delas. Ele resulta de um extremo e crescente grau de separação de si mesmo, dos outros, da vida e da natureza.

O patriarcado resulta na brutalização dos homens, para prepará-los para o lugar que a sociedade reserva a eles, a partir do qual, em geral, eles terão mais acesso aos recursos, mais respeito e mais facilidade em terem necessidades atendidas do que as mulheres. Ainda que eu sofra vivendo como uma mulher submetida ao patriarcado, eu não gostaria de trocar de lugar com nenhum dos que eu conheço e experimentar os ataques precoces e agudos ao próprio núcleo de seus jovens sentidos de identidade que eles suportam.

Este é parte dos motivos pelos quais eu concordo plenamente com Julie Matthaei quando ela descreve como “o foco muda do grupo dominante - por exemplo, ‘homens (ou os 1% ou as pessoas brancas) são o inimigo’ - para conceitos, práticas e instituições sociais que criam e perpetuam uma desigualdade estrutural particular”. Ao invés de trabalhar por direitos dentro do sistema tal qual ele é, me motiva muito mais compreender e transformar os conceitos sociais, as práticas e as instituições que tornam possível ao patriarcado reproduzir-se por mais de 7000 anos, ainda que todas e todos sofram com ele.

O Treinamento Patriarcal: obediência e vergonha

Neste contexto, quero enfatizar significado irreduzível da maneira pela qual tratamos nossas crianças, e o quanto nossa própria habilidade de sobreviver como espécie que dá continuidade à biologia do amor depende de compreendermos e transformarmos o modo pelo qual as criamos. Para citar um artigo anterior:

O amor floresce no contexto da liberdade e do pertencimento. O amor fenece no contexto da obediência e da vergonha. O amor está entrelaçado com a dádiva e, sendo assim, perde força em contextos transacionais. Nesta perspectiva, eu corajosamente afirmo que nossa sobrevivência depende de encontrarmos modos de preservar o amor e que isso depende de considerarmos as necessidades humanas como centrais. Esta é uma mudança radical dos paradigmas existentes na criação de crianças.

Se é verdade que o patriarcado emerge do trauma e que nós nunca tivemos as condições necessárias para digerirmos e metabolizarmos e nos curarmos deste trauma, então estamos, individual e coletivamente, condicionados a transmitir o medo e a vergonha com a qual lidamos por

gerações e gerações. Quando essa internalização individual é reforçada por estruturas de retribuição, acumulação, governança coercitiva, economia competitiva e guerra, até mesmo nossas tentativas de criar mudança estarão enclausuradas no pensamento patriarcal.

De Direitos e Justiça a Necessidades e Cuidado

Um dos resultados mais precoces do patriarcado foi a criação de uma desigualdade significativa, que apresentou um dilema moral e existencial para as sociedades humanas: desde que nossa evolução nos preparou para sermos parte de pequenos bandos de pessoas que cuidam coletivamente das necessidades de todas, essa desigualdade não faz sentido. Essa é minha hipótese sobre a origem do conceito de “merecimento”, um modo de nos convencermos de que pessoas que têm mais merecem o que têm, e que as que não têm, merecem não ter o suficiente.

Uma das formas de escapar dessa luta perpétua sobre quem merece o quê é transcender a linguagem dos direitos civis ou humanos e acolher novamente a consciência das necessidades. A linguagem dos direitos é uma criação humana, ainda embasada no paradigma da separação e da escassez: meus direitos me dão a possibilidade de reivindicá-los, e você e eu podemos debater sobre eles e, ao final, entrarmos em guerra para decidir quais direitos são mais justos. Direitos não abrem nossos corações e não restauram o fluxo da generosidade. Necessidades, embasadas na biologia e nas relações, nos conectam.

Economia: colocando as necessidades no centro

Seguindo Genevieve Vaughan, vejo o movimento para colocar as necessidades como centrais como uma restauração do princípio materno da simples e incondicional doação, em resposta a necessidades que existem, sem troca ou expectativa de ter algo em troca.

Todos nós tivemos a experiência de receber algo incondicionalmente quando crianças, antes de nos depararmos com a troca, mais tarde na vida. Essa é, propõe Genevieve Vaughan, a semente da restauração da economia da dádiva, através da qual muitas sociedades tradicionais têm vivido e que continua a existir em bolsões invisíveis nos quais a economia da troca se apoia e sem os quais ela colapsaria.

Quando Julie Matthaei nos convoca a imaginar o que queremos, não apenas ao que nos opomos, eu me alinho a ela de todo coração. Minha visão é a de um mundo baseado na restauração do misterioso e infinito fluxo de energia e recursos, através da generosidade e da boa-vontade, de onde eles estão disponíveis até onde são necessários. Este é o modo através do qual a vida cuida de tudo o que vive. Minha visão é a da restauração da conexão conosco mesmos, com as outras pessoas, com a vida e com a natureza, a partir da prática do cuidado das necessidades em todos os níveis. Esse é um princípio radical com consequências inteiramente práticas.

Da Solidariedade à Libertação Coletiva

Eu apreciei muito a análise de Julie Matthaei sobre a origem e os desafios da política de identidade, as complexidades e os benefícios que a interseccionalidade traz à mistura e o imperativo da política da solidariedade. Apreciei particularmente o enquadramento que ela oferece em relação ao agente de transformação: “um conjunto de movimentos sociais interconectados e mutuamente determinados”. Me senti tocada e mesmo inspirada conforme ela continuava a expor sua escolha: “Este agente de transformação vê uma questão sob o ponto de vista de todos os oprimidos - não apenas de um subgrupo privilegiado - tornando-o apropriado à tarefa de desconstruir e transformar as formas de desigualdade e opressão múltiplas e interdependentes que caracterizam nosso atual sistema capitalista global”.

Quero levar essa visão de transformação um passo além com duas perguntas: libertação de quem, e libertação do quê?

O que eu quero é a libertação de todos, não importa minha própria posição dentro do mapa de poder/opressão global (uma posição bastante complexa, como uma pessoa de 62 anos, mulher, imigrante [nos EUA], judia israelense em um exílio político voluntário, de origem multi-étnica no mapa interno judeu, altamente escolarizada, sem propriedades, que ativamente se desidentifica, em ação, com a modernidade e o capitalismo).

A libertação de todos é tanto um caminho, quanto um objetivo. As sociedades humanas têm tido duas visões simples e fundamentais. Uma é a visão de um mundo que funcione bem para todos (esse termo foi cunhado por Shariff Abdullah). A outra é a visão de um mundo que funcione para todas as pessoas de bem. A última é uma visão que separa, a primeira é a que meu coração deseja.

I see the framing that Julie Matthaei offers as still separating the world, leaving only the “ally” role for those who are closer to the centers of power. I reiterate: I want liberation for all. As I embrace feminism and work to liberate female persons around the world, however different they experience oppression based on so many other dimensions, I also at the same time want to liberate male persons around the world. Because patriarchy and its multiple offspring, including centrally capitalism, racism, and colonialism—rob *all* of us of our human dignity, our freedom, our communities, our place in nature, and our capacity to care for the whole, not only *some* of us.

Vejo o enquadramento que Julie Matthaei oferece como ainda separando o mundo, relegando ao papel apenas de “aliados” aqueles que estão mais próximos dos centros de poder. Eu reitero: quero a libertação de todos. Conforme eu adoto o feminismo e trabalho para libertar mulheres ao redor do mundo, ainda que elas experimentem a opressão de formas muito diferentes baseadas em muitas outras dimensões, eu também, ao mesmo tempo, quero libertar os homens ao redor do mundo. Porque o patriarcado e suas muitas crias, incluindo o capitalismo, o racismo e o colonialismo, rouba de *todos*, e não somente de

alguns de nós, a dignidade humana, a liberdade, a vida em comunidade, nosso lugar na natureza e nossa capacidade de cuidar do todo.

Enquanto Julie Matthaei fala de “atender as necessidades de mulheres e suas famílias”, eu quero falar de atender as necessidades de todas as pessoas e de toda a vida. O patriarcado nos coloca em curso de colisão com a vida, ao buscar controlá-la. Estamos agora caminhando rapidamente rumo à extinção, possivelmente, de toda a vida no planeta. Meu próprio sentimento é de que nada menos do que a libertação coletiva será suficiente para restaurar o fluxo da vida do qual já fomos parte.

Esta é, então, minha resposta para minha segunda pergunta: um mundo no qual todos valorizamos as pessoas e a vida e participamos de um fluxo de generosidade. Um mundo no qual compartilhamos nossos dons e as tarefas mundanas da vida com boa-vontade, de todo o coração, livres de coerção. Um mundo no qual atender às necessidades de todos é o princípio organizador.

Nenhum de nós sabe como provocar essa transformação, ou já poderíamos estar provocando-a. Por enquanto, neste grupo de conversa, eu espero encontrar apoio mútuo para aprender coletivamente como proporcionar libertação para todas as pessoas. O referencial que Joanna Macy apresenta para a grande transição apela a mim por sua simplicidade: uma abordagem combinada de transformação de consciência, criação de alternativas e campanhas estratégicas para interromper o perigo nos lugares mais críticos. Essa abordagem combinada pode nos ajudar a lidar com o quebra-cabeças atroz no qual vivemos: não importa quanto trabalho de crescimento pessoal tenhamos feito, ou a força de nossa visão e valores, estamos imensamente inclinados a recriar os modos patriarcais de ser.

Como isso se parece na vida prática?

A Criação de Crianças para a Liberdade e o Pertencimento

Ainda que seja imensamente desafiador criar crianças contra as normas patriarcais, pequenos bolsões dedicados a esse tipo de criação estão crescendo. A criação não-patriarcal, dentro de um contexto de uma comunidade apoiadora forte o suficiente para suportar as objeções é uma prática simples e exigente: nada de coerção, nada de vergonha, nenhuma interferência fundamental no desenvolvimento da criança e a disponibilidade dos genitores para deixar claras suas próprias necessidades e de colaborar com crianças de todas as idades para encontrar soluções que funcionem para todas. As crianças, então, aprendem, organicamente, que as outras pessoas também têm necessidades, enquanto têm suas próprias necessidades honradas. As crianças aprendem também responsabilidade e cuidado, enquanto aprendem a confiar em si mesmas e pedir pelo apoio de que precisam.

A criação não-patriarcal vai muito além de transcender normas de gênero ou mesmo as categorias patriarcais do masculino e do feminino. Ela se trata de criar uma nova geração de pessoas que experimentam o amor do modo através

do qual Maturana e Verden-Zoller o compreendem: a possibilidade de descansar na confiança do conforto, da aceitação e do prazer mútuo.

Criando Ilhas de Transformação

Nossa tarefa, como indivíduos e membros de grupos e organizações, é nos mover para o mais próximo possível de nossa visão mais corajosa. Em minha experiência, isso requer vigilância constante para evitar que caiamos novamente no mar do condicionamento patriarcal do qual estamos buscando emergir.

Individualmente, isso significa práticas rigorosas e vastas redes de apoio, para compensar a força contrária que vem de todos os lugares. Minha bússola para mim mesma é sempre a liberdade interior: a capacidade de escolher minhas respostas a partir do meu propósito e dos meus valores, e não a partir de roteiros prontos, medos ou obrigações.

Relacionalmente, isso significa lembrar que nossas relações embutem padrões de separatividade e escassez, e encontrar o desejo de permanecer amorosamente engajados, mesmo quando isso é desafiador. Minha bússola aqui: falar, sempre, a verdade mais profunda sobre mim mesma com o maior cuidado possível com a outra pessoa, e ouvir de coração aberto o que vier como resposta.

Em grupos e organizações, isso significa reconhecer que nossos músculos colaborativos estão atrofiados e criar sistemas, como, por exemplo, conjuntos de acordos, que ancorem nossos compromentimentos, especialmente aqueles que podem facilmente esmorecer na presença de diferenças de poder de qualquer tipo. Isso inclui como tomamos decisões, como alocamos recursos e como a comunicação flui. Minha bússola aqui também é sistêmica: como damos e recebemos feedback para que possamos continuar aprendendo, e o que fazemos quando os conflitos emergem.

Globalmente, isso significa recuperar os comuns. A assim chamada tragédia dos comuns é uma das mais densas incorporações do pensamento patriarcal, e foi refutada pela ganhadora do Nobel Elinor Ostrom. Fomos desenhados pela evolução para nos engajarmos colaborativamente umas com os outros e com a natureza no cuidado com a vida. Esquecemos disso, e podemos restaurar essa capacidade. A permacultura é apenas um dos muitos desenvolvimentos pouco citados que pavimentam o caminho em direção a um futuro colaborativo que engloba a vida não-humana.

Qualquer aspecto da vida que não for conscientemente institucionalizado através da visão e dos valores que temos reverterá facilmente às normas patriarcais do ou/ou, da separatividade, da escassez e das respostas punitivas ao conflito. Mesmo enquanto nos preparamos e consideramos como responder e transcender à resistência inevitável dos centros de poder, temos muito a aprender e incorporar, de modo a nos tornarmos ainda melhores em viver o futuro.

Referências

Humberto Maturana and Gerda Verden-Zöller, *The Origin of Humanness in the Biology of Love* (Charlottesville, VA: Imprint Academic, 2008).

Miki Kashtan, "From Obedience and Shame to Freedom and Belonging: Transforming Patriarchal Paradigms of Child-Rearing in the Age of Global Warming," 2017, <http://thefearlessheart.org/wp-content/uploads/2017/12/From-Obedience-and-Shame-to-Freedom-and-Belonging.pdf>.

Alice Miller, *For Your Own Good: Hidden Cruelty in Child-Rearing and the Roots of Violence* (New York: Farrar Straus Giroux, 1983).

Genevieve Vaughan, *For-Giving: A Feminist Criticism of Exchange* (Austin, TX: Plain View Press, 1997).

Inbal Kashtan, *Parenting from Your Heart: Sharing the Gifts of Compassion, Connection, and Choice* (San Diego: Puddle Dancer Press, 2004).